

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E INCLUSÃO VOLTADAS A DEFICIENTES VISUAIS NO AMBIENTE ACADÊMICO

HEALTH EDUCATION AND INCLUSION CONCERNING VISUAL DISABILITIES IN THE ACADEMIC ENVIRONMENT

Edenilson Freitas Rodrigues¹

Daniele Adriane dos Santos Cifuentes Herrera²

Fernando Duarte Cassel³

Giovani Kopaceck⁴

Roseléia Schneider⁵

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a luz do referencial teórico os relatos dos futuros profissionais de saúde ainda no ambiente acadêmico, afim de proporcionar o desenvolvimento de habilidades que favoreçam as reflexões acerca dos fatores que limitam as aprendizagens de sujeitos com deficiência visual. Caracteriza-se por ser do tipo qualitativo com abordagem de pesquisa – ação. O grupo estudado é composto por indivíduos, que possuem deficiência visual, na faixa etária entre nove e vinte e dois anos, estudantes matriculados na sala de recursos, no município de Santo Ângelo, localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa contou com a estrutura física do laboratório de anatomia da URI – Campus de Santo Ângelo. Através do estudo realizado surge o apontamento de que há necessidade de fortalecimento de políticas públicas e ações educacionais que promovam a autonomia e ampliem o conhecimento a deficientes visuais. Além disso, a qualificação dos sujeitos enquanto cidadãos inerentes a sociedade possuem o direito a informações em saúde, como ferramentas que possam diminuir as desigualdades sociais.

Palavras Chaves: Deficiência Visual; Educação Inclusiva; Educação em Saúde.

¹ Enfermeiro - Especialista Saúde da Família – Pós-Graduando em Práticas Pedagógicas para a Docência no Ensino Técnico, Tecnológico e Superior – FEMA - edenilsonfrodrigues@gmail.com

² Enfermeira - Especialista em APH - danischerrera84@yahoo.com.br;

³ Enfermeiro – Mestre, docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões URI.

⁴ Médico Ginecologista e Obstetra – Pós-Graduando em Práticas Pedagógicas para a Docência no Ensino Técnico, Tecnológico e Superior – FEMA - giovanikopacek@yahoo.com.br

⁵ Pedagoga. Doutora em Educação – UPF, Docente da disciplina de Educação Inclusiva do PPG em Práticas Pedagógicas para a Docência no Ensino Técnico, Tecnológico e Superior – FEMA - leianeider@yahoo.com.br

ABSTRACT

This study aims to analyze the light of the theoretical reference the reports of future health professionals still in the academic environment, in order to provide the development of skills that favor reflections about the factors that limit the learning of subjects with visual impairment. It is characterized by being of the qualitative type with a research-action approach. The study group is comprised of individuals with visual impairment aged between nine and twenty-two years, students enrolled in the resource room, in the municipality of Santo Ângelo, located in the northwest region of the state of Rio Grande do Sul. research had the physical structure of the anatomy laboratory of the URI - Campus de Santo Ângelo. Through the study carried out, it is pointed out that there is a need to strengthen public policies and educational actions that promote autonomy and broaden the knowledge of the visually impaired. In addition, the qualification of subjects as citizens inherent to society have the right to health information as tools that can reduce social inequalities.

Keywords: Visual impairment; Inclusive education; Health education.

INTRODUÇÃO

Educar em saúde pode ser definido como uma ação em que há um direcionamento do sujeito a atender o autocuidado em saúde, ou seja, promovendo, prevenindo e reabilitando. Essa feramente é eficaz nas diferentes abordagens intermediadas por profissionais de saúde que tendem a oferecer subsídios focados na melhoria e qualificação dos estilos de vida da população (BIANCHETTI, 1998).

No campo da saúde pública é onde encontramos a maior ocorrência da prática da educação em saúde, pois na lógica de oferta de serviços mais próximo a população adscrita existe a construção de um vínculo que perpetua ações de cunho preventivos (CARVALHO, 2008). Tal processo de execução de ações de educação em saúde pode obter êxito somente a partir da participação ativa dos atores envolvidos. Esses personagens são estimulados ao desenvolvimento de autonomia refletindo sobre os diferentes determinantes e condicionantes de sua própria saúde (MACHADO, 2007).

No contexto de práticas de educação em saúde de forma inclusiva, os profissionais de saúde devem estar sensíveis as necessidades individuais daqueles que estão sob sua responsabilidade de cuidado. Para isso o profissional de saúde de forma individual e também em equipe tendem a voltar seus olhares para as necessidades que são exigidas no processo de incluir os diferentes em convívio social (FRANÇA, 2008).

Ao iniciarmos um debate acerca de indivíduos com deficiência visual é necessário realizarmos uma abordagem conceitual. São consideradas pessoas com deficiência visual os

que possuem a incapacidade ou limitação na ação de “ver”, assim nesse contexto são as alterações que impõem limitações incapacitante no sistema visual (BRASIL, 2004)

Enquanto embasamento legal o Decreto n.º 5.296/04, afirma que uma pessoa é considerada deficiente visual ao se enquadrar da seguinte forma: cegueira (deficiência visual total), quando apresenta acuidade visual igual ou inferior a 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; baixa visão (deficiência visual subnormal), quando possui acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais o somatório da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60° , ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004).

Dados estatísticos da Organização Mundial da Saúde - OMS estimam existam 38 milhões de pessoas cegas no mundo, das quais 1,5 milhões são crianças menores de 16 anos de idade. Cerca de 110 milhões de pessoas possuem baixa visão, perfazendo, assim, um total de 148 milhões de pessoas com deficiência visual (BRASIL, 2008).

O termo educação inclusiva, observado sob a proposição didático curricular, é aquela que propicia ao aluno com necessidades educativas especiais, a participação das atividades cotidianas da classe regular, aprendendo as mesmas coisas que os demais - mesmo que de maneira diferenciada, de preferência sem defasagem idade/série. Como principal agente do processo ensino-aprendizagem, fica implícito ao docente a responsabilidade de fazer as adaptações necessárias no currículo escolar (GLAT, 2004).

A universidade vista como promotora do “bem estar social” e coadjuvante na formação dos mais diversificados profissionais deve estar engajada ao processo da educação inclusiva, e deve encontrar-se preparada a formar profissionais aptos, nos mais diversificados cursos que formam educadores em suas respectivas áreas, como acontece na áreas da saúde e da pedagogia. Neste sentido a universidade, por ser regida nas três esferas constituintes: ensino, pesquisa e extensão – tem um importante papel a ser desempenhado, tanto no processo de formação e capacitação de agentes educacionais e professores, bem como na realização de pesquisas e projetos que façam valer e transmitam ações educativas bem sucedidas, que vislumbrem esta nova proposta de educação inclusiva, implementando e contribuindo para o desenvolvimento do novo processo educacional (GLAT, 2004).

Em relação ao papel dos profissionais de saúde nesse processo de educação em saúde, podemos afirmar que a ação em saúde deve levar em conta as particularidades e a heterogeneidade do grupo participante, nesse caso o grupo em questão possui algum tipo de deficiência visual, ou seja, trata-se de alunos em idade escolar com algum tipo de “cegueira”. A necessidade de trabalhar temas como anatomia/fisiologia/patologia adveio como um auxílio

na formação básica do ensino regular ao qual esses alunos estão veiculados, pois, as didáticas utilizadas em sala de aula, muitas vezes deixam a desejar no que tange o alcance do entendimento através da sensibilidade tátil, que para tais alunos é de fundamental importância, levando em consideração que esses não possuem totalmente, ou deixaram de ter, o sentido da visão.

Assim, o seguinte estudo tem como objetivo analisar a luz do referencial teórico os relatos dos futuros profissionais de saúde ainda no ambiente acadêmico, afim de proporcionar o desenvolvimento de habilidades que favoreçam as reflexões acerca dos fatores que limitam as aprendizagens de sujeitos com deficiência visual.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se por ser do tipo qualitativo com abordagem de pesquisa – ação onde o pesquisador sustentado pelo referencial teórico tenta na medida do possível se inserir no grupo dos sujeitos da pesquisa. Também é considerado como um relato de experiência vivenciado em meio acadêmico, onde: Um relatório de uma atividade prática é a exposição escrita de um determinado trabalho ou experiência laboratorial.

O grupo estudado é composto por indivíduos do sexo masculino e feminino, que possuem deficiência visual, na faixa etária entre nove e vinte e dois anos, estudantes matriculados na sala de recursos da Escola Estadual de 1º e 2º grau Esther Schröder, no município de Santo Ângelo, localizado na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Este espaço nominado como sala de recursos é destinado ao acompanhamento e ensino de alunos com deficiência visual.

O número total de estudantes matriculados na sala de recursos no momento do estudo é de sete, sendo que os sujeitos que concordaram em participar das atividades que envolviam o estudo totalizaram quatro participantes. Além dos preceitos éticos que envolvem pesquisa com seres humanos também foi considerado a heterogeneidade do grupo e as dificuldades individuais de aprendizado.

A pesquisa contou com a estrutura física do laboratório de anatomia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI – Campus Santo Ângelo), onde foram realizados os encontros de forma periódica, no período de outubro de 2008 a agosto do ano de 2009. Este estudo também compõem base de um projeto entre ambas instituições de ensino, que após a realização do estudo firmam acordo de manutenção de atividades similares com os sujeitos envolvidos, assegurando desta forma a continuidade das ações.

Os dados referentes ao conhecimento prévio do grupo participante, sobre anatomia, fisiologia e processos patológicos, foram coletados através de um questionário previamente elaborado, transcrito para o método Braille, com questões abertas, visando basicamente traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. Observando que a intenção nesse artigo é relatar a trajetória e as experiências vivenciadas em meio acadêmico bem como apontar as dúvidas do grupo participante acerca do assunto a ser estudado. Posteriormente havendo a necessidade do grupo que vivenciou o projeto em relatar a sua experiência e colher os resultados efetivos de todos que participaram efetivamente do trabalho, elaboramos um questionário contendo uma única questão que apontará os resultados da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram desenvolvidos quatro encontros no laboratório de anatomia no campus universitário. A atividade contou com a participação de professores e acadêmicos de diferentes cursos de graduação na área da saúde, além do grupo que concordou em participar da pesquisa.

DEMANDAS DO GRUPO ACERCA DO APRENDIZADO SOBRE O CORPO HUMANO

Após a aplicação de um questionário a fim de esclarecer as demandas e curiosidades do grupo estudo acerca do tema proposto anatomia humana e corpo humano, percebemos que os sujeitos da pesquisa apresentam interesses em conhecer órgãos específicos do corpo, predominantemente sistema cardiovascular e sistema nervoso. Baseados nesse resultado buscamos estruturar as atividades enfocando esses sistemas, construindo material didático para o desenvolvimento das atividades e vinculando com a prevenção das doenças relacionadas a tais sistemas. Destacamos algumas respostas obtidas ao serem questionados sobre a relação dos hábitos saudáveis e a manutenção do nosso corpo humano:

Entrevistado 1: “Hábitos saudáveis, como: boa alimentação e higiene pessoal são fundamentais para a manutenção do nosso corpo.”

Entrevistado 2: “Para prevenir e só não comer coisa que engorda demais, gorduras.”

Ao trabalharmos com um grupo de deficientes visuais, é necessário que haja preparação, devendo que os profissionais envolvidos nas atividades estejam engajados com um olhar voltado a suprir as necessidades do indivíduo. Tal processo pode exigir adaptações

compreendendo a singularidade do grupo, bem como a individual, permitindo formas de aprendizado e ritmos diferenciados, propondo assim um ensino responsivo e reflexivo (OLIVEIRA E LEITE, 2011).

O CONTATO COM A ANATOMIA HUMANA

A atividade de reconhecimento de peças anatômicas em um primeiro momento foi desenvolvida através de peças não orgânicas. Fornecemos materiais didáticos de maneira a exemplificar potenciais problemas de saúde, com o foco da educação em saúde. Para o conhecimento da anatomia humana foram elaborados modelos, utilizando-se de materiais recicláveis, conforme Figura 01.



Figura 01: Materiais elaborados a partir de matérias recicláveis.

O contato com material humano dissecado Figura 02, patrimônio da universidade, também é disponibilizado e estudado pelo grupo participante. Com isso os participantes puderam entrar em contato com as texturas reais de algumas partes do corpo humano.



Figura 02: Contato dos participantes com peças anatômicas.

Também houve a oportunidade de contato com peças anatômicas não orgânicas de confecção realística. Esses materiais também são utilizados como instrumentos de aprendizagem aos alunos de diferentes cursos da instituição de ensino. Figura 03.



Figura 03: Contato dos participantes com peças anatômicas.

A partir de contato prévio com as peças anatômicas também houve a proposta de criação de órgãos a partir da percepção dos alunos, onde o objetivo era que os mesmos retratassem em argila algumas das peças que tiveram contato. Figura 04



Figura 04: Confecção realizada pelos participantes do estudo após contato com peça anatômica

Através da aplicação de um questionário fornecido em Braille, os participantes puderam manifestar suas percepções acerca das atividades e os temas propostos. Quando questionados sobre o que é mais atrativo em anatomia humana o Entrevistado 1 responde da seguinte forma:

“Obter conhecimento cada vez mais, será muito importante para a minha vida”.

A partir desta fala verificamos que há uma preocupação por parte do estudante em adquirir mais conhecimentos. Considerando o contexto de sua limitação visual, essa ação também reflete na busca de autonomia. Torna-se válido salientar que atividades voltadas a inclusão de deficientes visuais, possibilitam o acesso à informação e ao conhecimento contribuindo para o exercício da cidadania e o aprendizado de forma contínua ocorra na vida do sujeito.

A INCLUSÃO DE DEFICIENTES VISUAIS NO ÂMBITO ACADÊMICO

Considerando as manifestações acima, buscamos preparar de forma mais técnica a abordagem do tema prevenção utilizando terminologia científica e assim aprimorando a atividade ao grupo. Pode-se avaliar e definir o nível prévio de conhecimento acerca da temática, para então desenvolver de forma dialógica o conteúdo e instigando os estudantes a se manifestarem em relação ao conhecimento adquirido. Isso foi reforçado com as respostas a um

questionário elaborado especificamente para realizar uma avaliação tardia dos estudantes das atividades desenvolvidas. Ao serem abordados emergiram temáticas como preparo para o mercado de trabalho e inclusão de deficientes visuais, conforme as respostas seguintes:

Entrevistado 3: “o deficiente tem que se qualificar pois senão fica mais difícil ainda sem formação arrumar emprego”.

Esta preocupação foi salientada anteriormente referenciada em publicações que trazem a temática do deficiente visual frente ao mercado de trabalho:

Leva-se em conta também o despreparo profissional do deficiente visual que em sua grande maioria não está qualificado, o que é resultante da ausência de ações voltadas para a qualificação profissional dos deficientes, e pela dificuldade de acesso dos mesmos aos cursos existentes (NABAIS, 2009).

Sobre a mesma questão outro participante manifestou-se da seguinte forma:

Entrevistado 4: “Na verdade não estão preparando as grandes empresas para atender a pessoa que tem deficiência visual, muitas empresas querem pessoas qualificadas.”

Esta manifestação também indica que os deficientes visuais têm clareza com relação a sua aceitação pela sociedade no mercado de trabalho e também possuem expectativas em relação a sua formação como forma de competir no mercado de trabalho.

Segundo Golin, 2013 um dos impactos sofridos por deficientes visuais é a falta de acesso somado a baixo nível socioeconômico e cultural, onde tais pessoas podem ser consideradas como inaptas para desenvolverem determinadas funções, fazendo com que haja barreiras e limitações frente a educação e consequentemente ao mercado de trabalho.

Para tanto, destacamos ainda questões relacionadas a inclusão desse aluno no âmbito acadêmico, sendo importante pontuar o contraste entre inserção e inclusão. Onde para Leite e Silva (2006) inclusão não é apenas a garantia de espaço isso apenas seria a inserção. A inclusão é um conjunto de ações que vão além de inserir, permeiam desde a oferta de condições especiais necessárias e permitindo uma participação de forma ativa do indivíduo em todas as interfaces desenvolvidas no local de forma compartilhada com igualdade.

A existência de uma legislação brasileira, considerada avançada por formuladores de políticas educacionais, mesmo que mais direcionadas para o ensino básico já caracteriza um grande passo no caminho da escola inclusiva, uma vez que amplia o debate sobre o tema e acaba atingindo também ao ensino de nível superior, por proporcionar a um maior número de pessoas com deficiência a oportunidade de concluírem a educação básica, o que significa a crescente demanda pela continuidade do processo de escolarização, o que obriga também as IES a se adequarem conforme o disposto na lei. (LEITE SILVA, 2006, p.14)

Desta forma a aproximação da instituição de ensino e os sujeitos da pesquisa inicia um processo de criação, de um vínculo de cooperação mútua, que resultou em experiências positivas para ambos, iniciando um processo real de inclusão, e trazendo a pauta as necessidades de reflexões sobre quais são as ações e os posicionamentos quando o assunto em debate é a inclusão de deficientes visuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa foi possível perceber que as diversidades emergem e necessitam de encaminhamentos diferenciados das práticas desenvolvidas atualmente. Fica evidente que a desigualdade dos deficientes visuais enquanto acesso à educação em saúde pode ser um diferencial na conquista da autonomia dos sujeitos enquanto parte integrante da sociedade.

Podemos constatar que existe a necessidade de fortalecimento de políticas públicas e ações educacionais que promovam a autonomia e ampliem o conhecimento a deficientes visuais. Além disso, a qualificação dos sujeitos enquanto cidadãos inerentes a sociedade possuem o direito a informações em saúde como ferramentas que possam diminuir as desigualdades sociais.

A deficiência visual mostra-se aos demais videntes, como algo que representa uma ameaça para as pessoas que são acometidas da mesma e para as não deficientes, que não sabem como lidar com pessoas que apresentam uma diferença significativa (BAUTISTA, 1993).

Para tanto, conclui-se que existe a necessidade de planejar as atividades de uma forma diferenciada quando se tratar de um público com necessidades distintas, no caso em específico deficientes visuais. Refletir sobre os métodos pedagógicos empregados e para o feedback recebido se faz através de uma ação necessária diante das adaptações que tendem a ser realizadas às emergentes necessidades educacionais especiais.

REFERÊNCIAS

BAUTISTA.R. (coord.). **Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Dinalivro; 1993.

BIANCHETTI L. F. ID (org.). **Um olhar sobre a diferença: interação, trabalho e cidadania**. Campinas: Papirus; 1998.

BORGES, P. W. J. et. Al. **Educação em saúde inclusiva: o enfermeiro como ledor de tecnologia educacional para um deficiente visual**: Ver. Elet. Cultura de los Cuidados (Edición digital), 20 (46) 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312543615_Educacao_em_saude_inclusiva_o_enfermeiro_como_ledor_de_tecnologia_educacional_para_um_deficiente_visual. Acesso em 22 Nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde da pessoa portadora de deficiência**. Brasília: Ministério da Saúde; 2008. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_pessoa_deficiencia.pdf. Acesso em 20 Nov. 2017.

BRASIL. Casa civil. **Decreto n.º 5.296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis n.º 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em 22 Nov 2017.

CARVALHO, V.L.S., CLEMENTINO, V.Q., Y PINHO, L.M.O. **Educação em saúde**: nas páginas da REBEN no período de 1995 a 2005. Rev. bras. enferm, (2008). 61(2), 243-248.

FRANÇA, I.S.X., Y PAGLIUCA, L.M.F. **Acessibilidade das pessoas com deficiência ao SUS**: fragmentos históricos e desafios atuais. Rev. RENE, (2008). 9(2), 129-137.

GLAT, P.M.D. O papel da Universidade frente às Políticas Públicas para Educação **Inclusiva**. In: Benjamim C. Instituto Benjamin Constant/MEC. Centro de Pesquisa, Documentação e Informação, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: IBCENTRO, 2004.

GOLIN, A.F. **O trabalhador portador de deficiência visual: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2003.102p.

LEITE, M.R.T.; SILVA, G. R. **Inclusão da pessoa com deficiência visual nas instituições de educação superior de belo horizonte**. Trilhas Pedagógicas 99 Trilhas Pedagógicas, v. 5, n. 5, Ago. 2015, p. 80-99 Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/enanpad/2006/dwn/enanpad2006-apsb-0151.pdf>>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

MACHADO, M.F.A.S., MONTEIRO, E.M.L.M., QUEIROZ, D.T., VIEIRA, N.F.C., Y BARROSO, M.G.T. **Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS**: uma revisão conceitual. Ciênc. saúde coletiva, (2007). 12(2), 335-342

NABAIS, M.C.L.A. **Encaminhamento do deficiente visual ao mercado de trabalho.** Instituto Benjamin Constant. Revisão do texto: Irene Edreira Martins. Disponível em: www.abc.gov.br. Acesso em 22 Nov 2017.

OLIVEIRA, M. A.; LEITE, L.P. **Educação inclusiva: análise e intervenção em uma sala de recursos.** Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, Ago. 2011.